



A unidade dos ruídos

Estevan de Negreiros Ketzer*

Rio Grande do Sul, Brasil

estevanketzer@gmail.com

Nem bem termina o sol de cair no crepúsculo, o velho deixa as amargas terras do norte. As linhas sisudas de um rosto frio viajam nas asas de uma grande águia. Com as mãos firmes, mergulham nas penas do pássaro ancestral. Para todos os lados, os ventos sopram frios naquele tortuoso retorno para a casa. Não consegue, naquele momento específico, deixar de lembrar da última vez que vira o rosto dela.

O animal alado sucumbe à exaustão e a queda acontece sobre as areias do deserto. Seu corpo despenca tenso pela duna de areias finas e translúcidas. Algumas horas ele passa dormindo até reatar o lume dos olhos naquele entardecer cheio de cores vívidas no céu. O peso na perna o faz retorcer a face. De longe, manca e vai até a águia um tanto distante. Cada passada arrasta ainda mais os músculos pela exaustão. Recolhe a bolsa atrelada às costas da águia de rosto vítreo e boquiaberta, repousando-a em suas costas. Um pouco mais perto dali, pega o chapéu preto de aba larga, ajustando-o à sua cabeça. Da duna, vê nítido o horizonte. Abaixo, o mar brumoso de sal. É lá o destino esperado.

Descer das dunas, encharcado daqueles grãos secos, pedaços de minérios decompostos nos séculos de memórias. E, na descida, um feixe de cabelos ruivos de mulher lhe envolve. Senta-se ao chão a chorar. Leva as mãos aos céus. Tomado de leveza durante a ablução ritual com o pouco de água que trazia em seu alforje, dedica uma prece fúnebre pela partida dela desse mundo. Ele entoia as palavras do *Tehilah* 91, a santificar o imaterial que habita todas as coisas. Os minutos breves não podem mantê-lo ali por mais tempo, pois o deserto possui uma natureza cara demais a ser paga por aqueles que ali permanecem.

Começa, então, a caminhada sobre as areias que tudo destrói. Percorrem, inquietantes, os pequenos grãos a voarem em suas roupas negras, pesadas. Cobrem o coração consternado da distância causada pela memória da despedida. Os passos estão curtos, inquietos, enquanto a lua cheia imanta o grande vale. Eis a vista dada ao antigo oásis das tamareiras. Resplandecente e sereno, único em distâncias de desertos sem fim. É ali o lugar onde os beduínos faziam mel de tâmaras. Hoje, porém, não há pessoa alguma lá. Tão vazio quanto o restante do mundo. Sem ninguém para cantar e contar, ao redor das fogueiras, suas histórias entre mitos e sonhos. Só alguns panos velhos, madeiras entulhadas e uma velha construção de barro repleta com ânforas secas.

* Psicólogo, Mestre e Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (UFRGS).



Quanto ao lago, o reflexo enlutarado duplica o lume noturno, aumenta a expectativa de silhuetas dançantes a uma canção árabe chorosa ao redor da grata fogueira. Poderia ali o coração ritmar ululante. Mas isso foi outrora. Apenas fica o tempo suficiente para pegar tâmaras e encher seu alforje. Deve continuar o caminho. Não deve parar, nem nada deve surgir por fragilidade irretorquível do seu ser.

Segue o caminho das caravanas, para afugentar-se das dunas e seu pesado fardo. São mais vinte e uma distâncias à frente até um amontoado de areias ao lado de uma antiga placa a indicar a direção. É ali, ali mesmo. Até seu cume, distâncias acima. Ele enxerga de longe, bem longe, o lago de sal. Ao descer para o outro lado da duna, cuida para não se ferir entre as reentrâncias das pedras abaixo, que cobrem o vale de crateras. O terreno acidentado aumenta a dificuldade, sendo irremediável dar a volta àquele antigo lago imenso como o mar, para chegar à estrada. E das histórias sempre contadas do sal para tudo extirpar da vida, coube ao grande rio *yar'den* ser sua única fonte. Lembra o quanto a vida evanescente do rio desemboca na morte eterna do lago negro. Não pode prosseguir sem notar a imensidão azulada dos pequenos córregos. Vinham de todos os lados, nascentes doces, que irradiam a esperança do progressivo término de sua água salobra. É no azul plúmbeo das águas turvas da antiga Galileia romana, que sua errância torna-se vertigem.

O nome daquela mulher passa diante de seus olhos fechados, impronunciável, mantido na distância das coisas esquecidas pela força do impacto que sofrera. Isso arrepia, tal como a sobrevida de um fantasma relutante a ir de uma vez por todas à *genizah* dos textos mortos. Mortos tão vivos, a sempre permear imagens instantâneas de um continente inexplorado. Muito embora na lonjura, escute o som doce do chifre do carneiro dentro da sua cabeça. O antigo costume de tocar o chifre quando o *rosh há'shanah* inaugura o começo do tempo em forma de ano comum. O som do chifre deve trazer os mortos à vida, diz a tradição. Ele retira de sua bolsa o chifre e o assopra... o faz três vezes... mas o som não sai. Tão sôfregos ficam os passos a partir dali. Ele cai na dor dos joelhos contra as pedras, exausto, com as lágrimas aos olhos.

De longe, vê, incrédulo diante das brumas do lago, uma silhueta a se mover. É uma robusta forma humana, tão grande quanto o *nefilin* perfeito em graciosidade divina. É o corpo nu de um homem, vermelho como o barro. De dentro do lago, ele surge em largas passadas sem ruído. Ele caminha para o leste suave e gradual. Enxerga sem dificuldade muito além das colinas. A leste, uma mulher também imensa nas proporções corpóreas, nua por completo. Ela se dirige ao homem, sem preocupações musculares. A pele leitosa feminina de um ser só há pouco tempo nascido. Ao se abraçarem, pela união sagrada, *hizdavgut hashpa'a*, os tremores todos das profundezas eclodem, erguendo seus corpos aos céus.

De súbito, levanta-se, afastando de si aquela imagem da Criação. O velho se reclina sobre os nomes restantes das suas memórias, dando lume da presença de Hava e de



Adam deixando o sexo de suas extremidades tocarem o fundo das fantasias de seu Criador. Ele se levanta, não sabendo bem se de fato a consciência apagara a experiência sublime dos olhos ou se era o fastio causado pela caminhada extenuante. Na decisão de continuar a trilha envolta do mar de sal, chamado pelos antigos de *iam ha'melah*, ele pode ver os antigos espólios do tempo. As paulatinas passadas levam ao aparecimento de pedaços de aço retorcido, concreto entulhado, plásticos putrefatos, pneus amassados e as bombas a céu aberto, esperando a detonação a qualquer instante. Sutil imagem lhe passa pelas ideias de terem sido restos de tanques, aviões de caça e cruzadores, cujas nações perderam-se em conflitos e em propósitos. Um arsenal bélico amontoado na tentativa de muitos povos a cruzar o rio *Yar'den* durante as eras. E não menos deturpadas eram as pilhas de ossos humanos imiscuídos nas pedras. Mas parou ao olhar a tênue imagem de um foguete entre os destroços. Mais perto, ele observou, atônito, estar em contato direto não com um míssil, mas um foguete espacial, uma unidade tripulada. Observa uma placa publicitária com um mapa antigo, porém, o anúncio escrito está nítido após todos aqueles séculos: "Seu caminho para as estrelas começa aqui!"

E ele observa atento ao céu. Encontra, à esquerda, o brilho forte de Júpiter, e à direita, a nebulosa da Via-Láctea. Quando a humanidade resolveu sair da Terra para expressar em termos lógicos os anseios do corpo? Eles o fizeram por intuir a trilha estelar, sendo ela o melhor antídoto para as discrepâncias da natureza humana entremeada de tantas contradições. Tão logo se obteve o buraco de minhoca espaço-temporal até a zona habitável. Lá havia o planeta *Proxima Centauri B* com um assentamento humano. Foi a primeira tentativa de promover uma nova identidade ao ser humano, fragilizado pela corrupção causada pela má sucedida colonização de Marte. O medo da Terra descobrir tantos erros e desconsiderar os acertos, os fez fugir para os mais longínquos cantos da via láctea. Esse novo humano nasceu do silêncio pleno do universo. Muitos o previram, outros o adivinharam, mas era um fato poucos o terem escolhido. O novo homem logo foi chamado de *maschiach*, com seus apóstatas e profetas, pois colocou toda a ordem do universo ao seu dispor, trouxe a espada do certo e do errado para nós, crianças terráqueas. Aponta às estrelas, uma a uma, e, dessa maneira, nos fez querer conhecer nossa origem mais uma vez. Direcionou nossas naves para a constelação de Orion, já que conseguiam extrair com facilidade a energia das estrelas de nossa galáxia. Aos poucos, aprenderam sobre o esquecimento. Pois, quando o *Maschiach* foi embora, já estava mapeada a primeira palavra por ele decifrada no íntimo estelar: '*No princípio...*' De lá, a mulher chamada *Schekinah* teve a profunda misericórdia do final dos tempos. Pois rigor e amor devem se encontrar no abraço... para juntos serem um novamente.

Agora a areia brilha no deserto. A mesma intensa luz livre a guiar os navegadores estelares em meio à profusão tenebrosa dos retalhos de guerra à sua volta. Uma nova pisada ao chão partido enterra o pé do velho homem na terra inconsolável. Está



perplexo por causa dos emaranhado de ruídos tão silenciosos, pois só escuta as batidas secas de seu coração. No de repente da noite, chega à aurora. Os primeiros pássaros cantam, levando seu caminhar mais longe com os primeiros laivos de luz nos limites do horizonte. Atávico do sentir o pó com a rajada de ventos vindos do norte às suas costas, enquanto uma dúvida plena lhe invade. Foi nesse vento frio que o nome da jovem vem à sua mente, agora pronunciado lentamente com admiração: “Zelda”. Ele a impedira, no fim das contas, de se aproximar... ela não queria assim o isolamento... ou teria o universo inteiro desejado sumir aos poucos... como as memórias se esforçam sempre de tudo transformar pelo feroz transcurso do tempo?

Aquieta-se ao notar a mudança com os feixes solares baterem na antiga cidade pétrea de *Yericho*. É ela a tremeluzir com seus muros intransponíveis, a levantar mais um dia das profundezas ígneas da terra. Eis o último recurso promovido pela tecnologia antes da chegada do suspeito novo homem aclamado como o salvador... Ali, o velho senhor de barbas cinzas, chapéu preto, gabardine imunda, se despede de uma missão, pela noite errante para apreciar, mais uma vez, pela primeira vez, o silêncio das lamentações.

Enviado em: 10/03/2025

Aprovado em: 30/04/2025